



XVI JORNADA ACADÊMICA

Educação, Memória e História: Os desafios
no processo de redemocratização do Brasil

ISSN 2965-0615

FRIDA KAHLO, PARA MENINAS E MENINOS: PERCEBENDO OS SENTIDOS DE IGUALDADE DE GÊNERO EM BIOGRAFIAS ADAPTADAS PARA CRIANÇAS

Marluci Fontana Drum¹
Cristiane Lindemann¹
Angela Cogo Franckowiak¹

EIXO TEMÁTICO 03: INTERCULTURALIDADE, INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta uma amostra da pesquisa de tese a ser concluída em 2025, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras pelo PPGL-Unisc. Para isso, partimos da seguinte problemática: que sentidos de igualdade de gênero emergem da leitura de biografias adaptadas para crianças? Para respondermos a essa questão, escolhemos como objeto deste estudo a obra *Frida Kahlo, para meninas e meninos*, biografia adaptada para crianças que integra a coleção *Antiprinçasas*, de autoria de Nadia Fink com ilustrações de Pitu Saá e publicada pela editora Sur Livro em 2016.

Nosso objetivo visa refletir sobre as questões de igualdade de gênero na infância a partir da leitura de narrativas biográficas para crianças. Para isso, a metodologia contempla uma pesquisa bibliográfica e uma análise qualitativa da narrativa do objeto mencionado, escolhido como piloto para a investigação que terá maior envergadura. Esperamos que este recorte do que pretendemos para a nossa pesquisa, possa contribuir para o campo da educação e dos estudos literários e midiáticos, ao ampliar o entendimento sobre a importância de promover leituras diversas e inclusivas, capazes de fomentar a igualdade de gênero desde a infância.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Meninas e meninos crescem em sociedades que pregam estereótipos a serem seguidos fortemente embasados nas experiências dos próprios adultos construtores dessa estrutura social. Conforme Filho (2005, p. 23), estereótipos formam “um conhecimento intuitivo sobre o outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso comum”. Crianças não nascem com pré-conceitos estabelecidos, estes lhes são apresentados por nós adultos, pelo exemplo; pela mídia, por meio dos rótulos que caracterizam personagens de filmes e desenhos infantis. Para Louro (1997, p. 77), papéis de gênero correspondem “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Dessa forma, podemos compreender que esses comportamentos e ideias relacionados ao que cabe ao sexo masculino e ao feminino, se naturalizaram por serem reproduzidos, repetidamente, ao longo do tempo, tornando-se padrões engessados. Assim, se a criança aprende pelo exemplo e pela observação, é do contexto familiar que ela tira as suas principais referências, inclusive, quando os adultos não possuem esclarecimentos a respeito das questões de gênero e passam, mesmo que sem intenção, ideias estereotipadas do que se espera do homem e da mulher.

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc.

Se nós adultos, que somos quem ensinamos pelo exemplo, passarmos a oferecer às nossas crianças brinquedos, livros, filmes, desenhos e histórias já livres de estereótipos de seres perfeitos em suas caixinhas determinadas pelo sexo, as nossas meninas e os nossos meninos terão mais chances de crescerem livres, corajosos, independentes, confiantes de si e, por que não, mais felizes. Uma possibilidade para tal é a oferta, por parte dos adultos que educam crianças, de obras que trazem histórias de vida de personagens reais e livres de estereótipos, como as narrativas biográficas adaptadas para o público infantil.

Filha do jornalismo e da literatura, a narrativa biográfica cresce como um recurso para manter viva a história de alguém. A partir das técnicas do jornalismo (pesquisa, apuração dos fatos, entrevista, precisão e ética), é reconstruída a vida do ser biografado cativando o seu leitor que se deleita ao se deparar com um texto de não-ficção que é informativo, acessível, criativo. Portanto, na narrativa biográfica percebemos “dois princípios básicos: o compromisso de contar a história o mais próximo possível do real (o que já não é pouco) e garantir acessibilidade por meio de um variado leque de princípios, funções e recursos do jornalismo, da literatura e da história, principalmente.” (Vilas Boas, 2002, p. 82).

O objetivo com esse formato é “gerar conhecimento sobre o passado de alguém ou de alguma coisa” (Vilas Boas, 2002, p. 21) e, assim, trazer de volta à cena a personagem narrada, suas experiências, vivências, sentimentos e ideias. Trata-se da “história de um indivíduo redigida por outro, mas com a preocupação de revelar não apenas a vida do sujeito biografado, mas também a relação de suas ações com fatos históricos”. (Saraiva; Schemes; Araújo, 2011, p.131). Quando pensamos em biografias voltadas para crianças, por exemplo, se faz necessário um texto que seja claro e atrativo o suficiente para eximir o leitor de excessos ou carências de padrões que envolvem o assunto, a linguagem, o estilo e o meio. Uma biografia é um “olhar” para uma vida, esse olhar prioriza um determinado ponto de vista acerca das marcas temporais conhecidas – ou descobertas (e, no caso da infância como destinatário, um certo olhar que busca conversar com uma ideia de infância, a do autor da biografia).

Para que as crianças possam ter a oportunidade de conhecer, acessar e se envolver com histórias cujos personagens fogem dos estereótipos da princesa, bruxa, herói e príncipe, é necessário que sejam ofertadas a elas leituras mais diversas, que ampliem as oportunidades delas mesmas compreenderem que meninas e meninos podem muito mais do que ditam as ideias pré-concebidas de gênero. Uma opção, que traz personagens reais, desrotulados do que se espera para homens e mulheres, são as narrativas biográficas das coleções *Antiprincesas* e *Anti-heróis*, de Nadia Fink. A leitura de textos inteligentes, que não diminuam a criança – já que tem um autor que acredita na capacidade delas e a elas oportuniza sua emancipação –, é um importante passo em prol da igualdade de gênero desde a infância. Para tentarmos compreender melhor sobre essa tentativa de mostrar que meninas e meninos possuem igual valor, por meio de histórias reais de pessoas que não deixavam se rotular ao que a sociedade desde sempre define por ideais de gênero, escolhemos o título *Frida Kahlo, para meninas e meninos*, primeira obra da coleção *Antiprincesas*, para fazermos um primeiro exercício analítico.

RESULTADOS

A frase de Vilas Boas (2014, p 21), “biografia é a vida de uma pessoa (acima de tudo) narrada com arte por outra pessoa”, pode ser usada para iniciar a exploração de *Frida Kahlo*, para meninas e meninos. A história de vida de Frida Kahlo, que destaca marcos importantes para a própria artista, para a época em que viveu e para o seu país, foi pensada pela autora, ilustrador e equipe editorial, principalmente, a partir do ponto de vista de como fazer com que essa narrativa atraísse a atenção e curiosidade do público infantil, como explica Fink, em entrevista para nós: “[...] nos alimentamos de ilustrações atraentes, uma história dinâmica, bichinhos questionadores que intervêm na história e geram humor e definições simples de palavras complexas para que os leitores adultos as tenham à mão quando se deparam com questões infantis.” (Fink, 2022). Nesse sentido, percebemos que esses elementos fazem parte do que Zilberman (2003) aponta como adaptação. São ajustes

que podem ser percebidos em toda a obra e que se exteriorizam em quatro perspectivas: assunto, forma, estilo e meio. Essas moldagens visam tornar o livro, como um todo, mais atrativo para as crianças.

Desde a capa, já é visível a intencionalidade de aproximar a biografia da vida da artista mexicana Frida Kahlo, de um leitor infantil, que talvez não tenha conhecimento acerca da sua obra. O assunto torna-se relevante, na medida em que não está a serviço de apenas contar fatos da vida de alguém, mas de apaixonar o leitor criança por uma trajetória de uma mulher desprendida dos padrões de gênero, e até mais que isso, confiar que os leitores pretendidos têm maturidade para tomar conhecimento dessas singularidades. Além disso, o biógrafo que fala para o público infantil trata ainda de apresentar a vida da personagem pela perspectiva feminista, na intenção de tornar o tema acessível para as crianças e assim, proporcionar que, meninas e meninos, sejam educados de forma emancipatória. Na biografia de Frida, percebemos que a questão de gênero não era um problema para a pintora, a qual sempre esteve muito à frente do seu tempo. Há momentos em que a narrativa conta que Frida se vestia de menino, ainda quando criança, e, que na vida adulta, tinha uma vida amorosa livre. Dessa forma, entendemos que esse narrador auxilia, propositalmente, o leitor a ler a vida a partir de outro ângulo, o da igualdade de gênero. Algo que as teorias têm insistido acertadamente: “É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos.” (Adichie, 2015, p. 28)

CONCLUSÕES

Esse estudo não se conclui aqui porque continuará a ser desenvolvido e aprofundado nos próximos meses. No entanto, já nos faz perceber o potencial que uma leitura diversa e inclusiva, por meio narrativas biográficas voltadas para crianças, possui para ampliar o campo de conhecimento de meninas e meninos que, desde seus primeiros meses de vida, aprendem pelo exemplo e pela observação, principalmente dos adultos que convivem com eles em seus contextos familiares. É um caminho possível para a educação, desde a infância, para a igualdade de gênero e que, poderá refletir em uma evolução dessas gerações e, por consequência, da sociedade como um todo. Romper com as normas sociais rígidas e quebrar com as ideias pré-concebidas do que se espera de meninas e meninos, é mais do que necessário, trata-se, inclusive, de uma questão de saúde (assunto que demanda um debate mais aprofundado, mas cabe sinalizar aqui que pesquisas apontam que homens são os que mais praticam o suicídio e, uma das causas, é a dificuldade de se mostrar vulnerável, compartilhar seus sentimentos e, claro, procurar ajuda). Para que nossas crianças não sofram carregando o peso dos estereótipos de gênero, cabe a nós adultos garantir-lhes a diversidade de possibilidades que elas possuem, lembrando-as de que não há limites para ser e fazer o que quiser, seja menina ou menino.

PALAVRAS-CHAVE: Questões de gênero; Narrativas biográficas; Infância.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FINK, Nadia. **Frida Kahlo para meninas e meninos**. Tradução de Sieni Maria Campos. Florianópolis: Sur Livro: Chirimbote, 2016. Coleção Antiprincesas;

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**, Porto Alegre, número 28, dez. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3333>. Acesso em: 10 nov. 2020.

LOURO, Guacira. **Gênero e magistério: identidade, história e representação**. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). *Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

SARAIVA, Juracy Igenes Assmann; SCHEMES, Claudia; ARAÚJO, Denise Castilhos de. Memória e liminaridade entre discursos biográficos da História, do Jornalismo e da Literatura. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, v.12, n.100, p.126-158, jan/jul 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2011v12n100p126>. Acesso em 29 mar. 2022.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.